

Entrevista com STA
Rita Alves
Administradora

Com quality media press para Expresso / El Economista

Quality Media Press – Qual a estrutura empresarial do grupo?

R. – Nós temos 3 empresas no grupo no ramo automóvel, a STA que é concessionário Peugeot na zona oeste, a Autotécnica que é concessionária Seat e a Oestcar que é uma empresa de aluguer de veículos. Estas são as 3 empresas que temos no ramo automóvel.

Q. – Fale-nos um pouco da história do grupo das empresas.

R. – O meu pai iniciou a actividade no ramo automóvel com a aquisição de uma empresa com varias marcas como a Renault, Alfa Romeo, Honda e Peugeot que era a empresa Henrique dos Santos. Entretanto tivemos necessidade de dividir a empresa por marcas porque houve uma alteração na distribuição e as marcas começaram a pedir que cada marca tivessem uma empresa. Nessa altura fundamos a STA concessionário Peugeot, ficamos com a Henriques dos Santos com a Renault e a Onda Oeste com a concessão Honda e a Alfa Romeo desistimos. Passados uns anos vendemos a empresa detentora da marca Renault e Honda, ficamos com a Peugeot. Pouco tempo depois fundou-se a Oestcar com o aluguer de veículos. A Oestcar funciona na zona centro do país, temos clientes de outras zonas mas não temos outros pontos de venda a não ser em Torres Vedras e Caldas da Rainha.

Q. – Qual o volume de facturação do grupo?

R. – O grupo factura 70 milhões de euros aproximadamente.

Q. – Quais as características do mercado na zona centro neste sector de actividade?

R. – O Litoral em Portugal é muito mais desenvolvido, existe mais população mais poder de compra. Ate ao momento a zona centro litoral tem sido uma boa zona de negócio, claro que não é a melhor nem a pior do país. Em termos de cobertura de território tem sido uma boa aposta, para nós tem sido uma zona muito interessante de trabalhar.

Q. – Como é o vosso relacionamento com Espanha, acredita que se podem entender a nível comercial?

R. – Sim eu acredito, há maior probabilidade de parcerias com Espanha do que com a França ou com a Itália. Nós não temos muita experiência de relações económicas nem com Espanha nem com França. Eu acredito que desde que hajam negócios viáveis em parceria, penso que com Espanha é mais provável.

Q. – Para o futuro o grupo vai continuar ligado ao sector automóvel?

R. – Aquilo que foi pensado há alguns anos está-se a manter, o nosso crescimento é sustentado.

Q. – Vão continuar a investir?

R. – Vamos continuar de acordo com aquilo que perspectivamos e com os investimentos necessários e sustentáveis. Claro que é mais fácil investir numa altura em que há mais vendas do que quando há menos. Os planos de investimento que nós fizemos estão “de pé” porque foram pensados numa altura em que a economia não é tão pujante, que é o caso agora e fazem sentido.

Q. – Acredita que este mercado no sector automóvel pode ser um mercado ibérico?

R. – Eu penso que há essa oportunidade tanto para Portugal como para Espanha. Nós não temos a perspectiva de um grande crescimento nacional ou internacional, não quer dizer que não se esteja atenta a novas oportunidades.

Q. – Que objectivos esperam concretizar para os próximos 3 anos?

R. – O que esperamos é que a empresa seja rentável ao longo desses 3 anos, que permita estar bem economicamente. Acreditamos que isso vá acontecer, temos condições para isso. Tivemos uma política anterior que foi de contenção para poder suportar alturas menos boas, a empresa não se pode descapitalizar, tem que haver alguma sustentabilidade para superar estas alturas. Em termos comerciais vamos alargar alguns pontos de venda na região.

Q. – Existe algo que gostaria de acrescentar a esta entrevista?

R. – Nesta altura é preciso trabalhar muito, neste sector não se consegue muito com pouco trabalho, é um sector muito exigente com uma dimensão bastante grande. O sucesso depende do trabalho efectuado, de boas soluções para com o cliente. O que ira acontecer é que 2009 e 2010 vão ser anos insertos, a comunicação social em Portugal exagera na palavra crise. A crise não é generalizada a todos os sectores, não existe uma catástrofe económica, há incertezas, desde que se trabalhe bem continua-se a progredir.